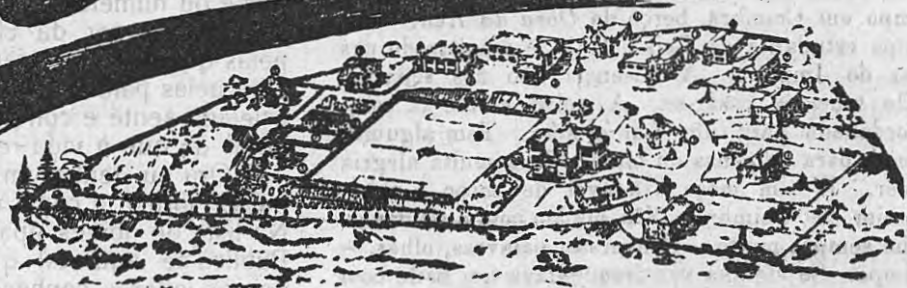




# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Baiato de Porto—Povo do Bousa  
Vales do Correio para Cete—Preço 1000

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alveres R. Santa Catarina, 628—Porto  
Visto pela Comissão de Censura

## TORNEI A LISBOA

REGRESSADO do Lar de Coimbra, aonde fôra por amor das eleições, de novo venho relatar o que foi mais uma viagem. Antes, porém, quero dizer que, assim como nas Casas do Gaiato, também no Lar dos Pupilos o acto efectuou-se logo a seguir à ceia. Esta foi melhorada. Houve, até, bolos e vinho do Porto, de uma caixa dêle que no Porto me deram. Também houve *tres vintes*. Estava Padre Adriano mais eu. Os pupilos, em numero de trez dezenas mais tres.

Já há muito que se vinha falando no acontecimento. Havia tres correntes, cada uma com seu proposto. Dois dos grupos resolveram fundir-se de onde resultou ficar o Pimenta, Maioral cessante, com 16 votos e o seu oponente, Cezar, com 13 votos. O caso foi muito sério e muito falado. Eu gosto que os rapazes tomem interesse e se determinem. Se eles sentem que a obra é deles, certa está a sua continuidade. A necessidade de um Lar dos rapazes que saem dos Reformatórios, não se discute. Vamos alargar. Instalar mais camas. Receber mais rapazes. O chefe risca e todos obedecem. Chefe deles, escolhido por eles, em uma obra deles.

Antes, porém, de entrar propriamente na viagem à capital, quero dizer que, devido à facilidade que o nosso carro nos presta, é possível fazer desvios nas estradas, com manifesto proveito para a obra—e também para a minha pessoa. Desta vez, foi em Anadia. Por mais que tenha procurado no dicionário, ainda não topei a palavra adequada, com a qual se possa agradecer ao Senhor que nos ofereceu coisa de tanto valor. E se fôsse só o carro! O pior são cheques que Ele manda de vez em quando. Tem duas filhas. Deus lhas guarde.

Ora vamos agora ao que importa. Fui no rápido. O rápido chegou à hora. Nos corredores, não se rompia, de tanta gente e de tantas malas! Comi à 2.ª série. O senhor que me deu de comer, olhava em roda e dizia: *Tudo isto é gente que vai para o Parlamento*. E desfiava nomes. Nomes importantes, que a gente anda afeito a ver nos jornais. Nomes e retratos. *Vê aquêlo? E' fulano. Vê o outro ao pé? E' sicrano*. Fiquei conhecendo muitos de vista, que até ali só conhecia de nome.

Uma vez na estação do Rossio, fiz por ser dos primeiros a chegar ao hotel, não fôsse haver falta de camas, pela abundancia de passageiros. Mas não. Tive aonde dormir. Manhã seguinte, começam os passos da minha via dolorosa. Nunca tanto, como desta vez! Dos senhores com quem ia falar, um estava doente e não me pôde receber. O outro, estava de perfeita saúde, mas não quiz. *Que diga o que quer*. Nunca mais torno a dar este recado, como tenho feito, quando às vezes me procuram em casa. Não torno. Não, que já sei quanto custa ouvi-lo! Aprendi. Quero aproveitar a lição. Desci as escadas triste, mas não desanimado. A outros, terá acontecido bem pior.

Uma vez no Terreiro do Paço, vem um senhor direito a mim.

—Você é do Norte e eu também. Você está no Francfort e eu também. Você é o padre da Casa do Gaiato. Nisto, mete a mão no bolso de dentro, rapa da carteira e...

—Sim senhor. Eu sou tudo quanto o senhor diz. Diga-me agora quem é?

CONTINUA NA TERCEIRA PAGINA

## As nossas eleições



PIMENTA TELES

Dezesseis vozes pronunciaram-se e disseram que ele havia de tornar a ser e foi o chefe do Lar de Coimbra, por mais êste ano. Parabens à sua noiva!



CEZAR

Rival do eleito. Rival de temer. Treze vozes assim o disseram. Mas tudo acabou bem. Hoje é um subdito pacifico do Lar. Ave, Cesar!



JULIO

o chefe do Lar do Porto, por 16 votos. E' natural de Elvas. Anda no 3.º ano da Escola Commercial e trabalha num escritório



MANUEL PINTO

o segundo votado por dois. E' de Penafiel



ANTONIO PRATA

o terceiro na ordem descendente—um voto. E' da Covilhã.

# Responsabilidades

Pela segunda vez e com muito interesse, um dos meus filhos veio ao pé de mim mostrar a ferida que tem no peito. E' engeitado. Soube agora do pai. Quer que êle o tome por filho. Eis a ferida.

Este mancêbo encontra-se bem colocado. E' casado. Tem o seu lar. A vida dele é uma verdadeira promessa. Ora como o pai, ao que se sabe, é um homem demantelado, eu arrisquei: *Que te importas de um pai assim? Ele insiste: Quero que me perfilhe. E' a sua obrigação. E' o seu dever. Eu desejo ter um pai.*

Eu admirei as palavras fortes e honradas do Engeitado. Merecem um comentario. Vamos a êle.

Os senhores que nesciamente contraem responsabilidades desta natureza, não suspeitam da chaga que abrem para ficar toda a vida

no coração das victimas que fazem. *Quero um pai*. Aonde a lei facilitada, é preciso que a consciencia dificulte. A' fraqueza natural da mulher, levante-se a força do homem. A' voz da carne, responda o espirito. Ao animal, o homem. Somos ou não somos cristãos?! Não suspeitam.

Como aquêlo, quantos não tenho eu encontrado no meu peregrinar! De uma vez, era um trabalhador, pai de nove filhos. Conversamos. Dai a nada, começa a ferida a sangrar: *meu padre, nunca senti na vida a alegria destes rapazes. Não tive pai!* Tantos anos, e a ferida ainda a botar sangue: *não tive pai!*

Não teve? Teve sim senhor. Ele tem pai. Todos os engeitados tem pai. A geração expontanea é um erro da cienciasinha. Não digo

tiveram. Digo *teem*. No supremo tribunal das derradeiras contas, tudo aparece no presente!...

Porém, aonde eu sinto mais intimamente a ferida que jamais cicatriza, é nas cartas que recebo. São Engeitados que as escrevem. Homens de bem, feitos e colocados na vida por si mesmos, abraçam de onde estão as Casas do Gaiato: *Eu cresci ao abandono, por isso mesmo amo essa obra*. São pregadores do Evangelho. Prêgam o quarto mandamento. Amam! Dizem em suas cartas, à sua maneira, que a Família é laço talhado no Céu. Tão bem feito, que se alguém o pretende desfazer, sofre e causa dor

Ele é verdade que há uma lei chamada *investigação de paternidade* para casos destes. Há sim

CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA

# NOTA DA QUINZENA

Esteve aqui há dias, de visita à nossa aldeia, um Rapaz que foi outrora meu companheiro das colónias de campo em Coimbra, berço da *Obra da Rua*. Era ao tempo estudante de Leis. Hoje, é magistrado nas colónias do Império. A ausência não nos separou.

Ele tenciona casar-se. A noiva reside lá fora. Tem ordenado para um Lar cristão. Tem algumas economias para as penas do ninho. Tem muita alegria de viver. É um moço saudável de corpo e alma. Era assim em Coimbra. Não mudou com a mudança. Quiz-lhe sempre muito. Conversas, palavras, olhar, tudo limpo. Se alguma vez frequentava um baile com outros da Brissa, não perdia a Comunhão. O quê? Um baile? Sim. O pecado está no coração.

Deixé mo-lo falar:

«Sabe; tenho a minha vida equilibrada. O que aganho, chega. Se às vezes há qualquer necessidade maior, nesses mês aumentam os meus emolumentos».

Isto foi na varanda da casa-mãe. Horizontes largos. Ideais infinitos. Testemunho perene da liberdade dos filhos de Deus: à maneira que preciso recebo.

Se fizer tão bem à alma dos leitores, como fez à minha, a conversa deste Rapaz, bem empregado é o tempo que se gasta em transmitir. Eu chamo a isto a *Boa Imprensa*. Chamo a isto um jornal católico. Para que havemos nós de ser desordenadamente solícitos do que se há-de comer ou do que se há-de vestir amanhã? Maná e codornizes, foram um dia alimento do povo de Deus. Todos os dias, caía o suficiente para cada dia e cada homem. Se algum apanhava mais do que necessitava para aquêle dia, derrancava-se-lhe o manjar. Não o podia comer, nem ele nem os mais. Apodrecia! Oh castigo do Céu! Quanta coisa boa não apodrece no mundo! *Podre de rico* é uma expressão do nosso povo. Gosto muito dela. Faço-a minha.



## Noticias da Casa de Miranda

por Carlos Veloso da Rocha

Na véspera do Natal andavam todos animados. O Sr. Professor arranjou o presépio e nós fomos ao musgo e à verdura. Na cozinha o fogão esteve todo o dia a trabalhar para fritar as filhóses. Era uns poucos de alguidares delas. A' noite tivemos consoada à portuguesa batatas com bacalhau, ovos, e couve. A seguir fomo-nos deitar, e à meia noite levantamo-nos. Foram à missa do galo. O João Carlos tocou harmónio e nós cantamos, comungamos e beijamos o menino Jesus. Depois viemos para a sala de jantar com filhóses e como nos portamos bem durante o ano, o menino Jesus deu-nos uma prenda a cada um. Uns tiveram sobretudo, casacos, calças, e os outros tiveram meias e lençóis. Ficamos muito contentes, e fomos outra vez dormir até às oito e meia da manhã.

Os nossos pobres também tiveram o Natal melhorado. Demos um bacalhau grande a cada um e muitas peças de roupa e bolos que nos deram de Coimbra. Iamos todos contentes pelo caminho com aquelas esmolos e os nossos pobresinhos também ficaram contentes. A nossa conferência distribuiu durante o ano 2.250\$00 e mais de cem peças de roupa. Na sexta-feira foi a festa dos doentes do hospital do Castelo. Foram a Coimbra distribuir as brotás do Natal os que fizeram a primeira mesa da conferência: o José três Maria, o Lisboa e eu. Levamos quatro cestadas de broinhas e dois de frutas. Todos comeram à vontade despedindo-se até à Páscoa.

Há dias fomos a Semide jogar com os alunos deste instituto Salesiano. O jogo decorreu normalmente, estando os de Semide a ganhar à 1.ª parte por 3-2. Começando a 2.ª parte os gaiatos animaram e jogaram mais do que eles, mas a pouca sorte deixou-nos perder. Ao fim do encontro registou-se a derrota por 6-2.

Na terça-feira andava tudo contente por saber que o Sr. Padre Américo chegava naquele dia à noite. Assim que ouviram o carro chegar foram a correr numa algazarra beijar-lhe a mão. No automóvel vieram dois meninos do Lar do Porto. O Fernando, e o Ferreirinha. Quando andavam a pôr a mesa o sr. Padre Américo pôs sobre cada mesa uma bola de Tércis. Ao jantar o sr. Padre Américo perguntou a alguns meninos para quem eram aquelas bolas e foi as dando aqueles que se fizeram mais espertos. No dia 1.º de Janeiro houve as primeiras eleições cá na casa, ficando o nosso chefe o Camilo a quem demos muitos vivas.

# NOTÍCIA

Eis aqui os nomes de portugueses amigos de Portugal, que se lembraram de enviar uma pancada de dólares à Casa do Gaiato. Residem em Mevvarik, América do Norte, mas não indicam nome ou número de rua.

Devem ser da classe trabalhadora a julgar pelas quantias que oferecem, — pouquinho, e também pelas palavras que dizem, — muitíssimo. A vida calejada sente e compreende muito melhor estas obras do que a vida regalada.

Ora eu tenho um grande desejo de enviar o nosso jornal a cada um dos simpáticos amigos. Na lista de nomes, aparece a morada em Portugal. Publica-se aqui tal qual veio, e se algum dos nossos leitores conhece qualquer um, rogo-lhes o favor de me comunicar o seu endereço, nos Estados Unidos. Valeu? Um que receba o jornal, passará imediatamente aos mais e desta sorte se vai espalhando por toda a parte a grande desordem que reina adentro da nossa aldeia!

António Joaquim Barbosa, Paio Mendes; José Rodrigues da Fonseca, Pardilhó; José Pires, Paio Mendes; António Vaz Pinto, Pardilhó; Amadeu Ramos, Pardilhó; José Araújo, Ilha da Madeira; Maria Sol, Ilha da Madeira; Alfredo dos Santos, Ceiroquinho; Quitéria Ramos, Alcamim; Deamantina Pereira, Chaves; Miguel Pereira, Chaves; José Valente, Pardilhó; Maria Joaquina, Chaves; Virgínia dos Prazeres, Gouveia; Artur Camacho, Ilha da Madeira; Manuel Martins, Vila de Rei; Rosa Caseiro, Ilhavo.



No dia 12 de Janeiro, faleceu o pequenino Almiro do Vale, de 6 anos de idade. Os nossos rapazes velaram, fizeram o caixão, tocaram os sinos, foram pelos documentos, acompanharam ao cemitério. O Fernando queria enterrar. Não, disse eu. *Há um coveiro na terra*. O pequenino de 6 anos ia calçado e vestido com roupa da nossa; da que foi dos teus filhos! E enfeitado com camélias brancas. Muitas camélias brancas. Tinha vindo em Setembro do ano passado. Um documento que ao depois mandaram, vem a dizer que é filho ilegítimo de Maria da Conceição. Ora não é verdade. Ele procede mas é de um acto ilegítimo. A mãe é que é ilegítima, e tanto assim, que o deixou nas ruas do Porto, ao que me disse o Senhor que o veio cá trazer, condoido da sorte da creança. Estes actos pecaminosos arrastam a mulher e a mulher arrasta os filhos. Não tem a benção da Igreja. Não há viúvos à morte de um dos conjuges. Não há orfãos à morte do pai. Há o pecado!



## RESPONSABILIDADES

Continuação da primeira página

senhor. Vem lá tudo a dizer como é, mas o que se não diz, são os trabalhos, as despesas, mais o tempo que leva a investigar. Isso é ponto da experiencia. Eu já sei como é. Não se trata de um caso de investigação, sim, mas coisa semelhante.

Era de uma vez uma mulher que eu afiançei por cinco contos de rei. Não foi tanto por amor dela como pelos filhos, que teriam de estar com ela na prisão. Eram pequeninos. Entreguei o dinheiro. Deram-me o recibo e acabou. Cuidava eu que este *dé cá* seria igual ao *tome lá*, a seu tempo. Mas não. Primeiramente um requerimento em papelsinho selado.

—Termos?

—Aquêlê senhor sabe. *Aquêlê senhor* fez o requerimento e pediu X. Entregou-se o documento a outro senhor.

—Dê cá mais X.

—?!

—São taxas!

Enquanto verifica os dizeres da petição, o senhor vai informando a gente: — *Isto agora vai ó Porto a despacho*.

Assim aconteceu. Chegou o despacho.

—Ora agora ponha aqui um selo de cinco escudos e inutilize e tome lá o resto.

Eis do como se passam as coisas nas malhas da justiça.

# Do que nós necessitamos

Mais o peditório nos postos emissores do Porto, por ocasião do natal, o qual subiu um nadinha de dezanove contos. Mais um conto deixado na redacção de *Novidades*. Mais outro conto também de Lisboa. Mais metade desta quantia idem. Mais 100\$ de Setúbal. Mais dois contos de algodão, de um grupo de três empregados de uma casa comercial no Porto, *para dois dos seus Pupilos*. Foi lá o Alfredo por eles. Levei muito alto esta dádiva dos empregados do armazem. Três deles. Juntaram-se para uma boa acção. Porém, nem de todos os caixeiros do Porto, posso dizer o mesmo. Não é de cobertores que se trata. É de maus conselhos que alguns teem dado aos meus pupilos. Tantos e tais, que nos vimos na necessidade de retirar um. E ganham a partida. Ganham, sim, na maior parte dos casos. Convidam o rapaz a descer. Falam-lhe ao sabôr do sangue. Eu chamo os por outro caminho mais áspero...! Os amigos são eles, os caixeiros. Quantos pais não perdem seus filhos, por causa daquela sorte de *amigos*, quantos! Que o digam os que neste momento me leem! E os que ainda, felizmente, os não perderam, — que temam! Mais 200\$ da Companhia de Pneus. Isto é que é! Se a gente lá manda comprar coisas prá nossa bicicleta, vem a fatura sem algarismos! Isto acontecia quando a tínhamos. Agora, não. De uma vez que o *Periquito* rachou a cabeça contra uma parêde, a cavalo nela, rachou também as peças mestras. Mais do Alentejo um presente de enchido. Que bom! São sempre os mesmos a dar. Todos os anos nos dão coisas e dinheiros. É de uma mesma família. Às vezes, dá-me na gana dizer muito mal dos alentejanos, mas por causa desta família, não digo. Mais uma peça de flanela do Porto. Mais da mesma cidade, nada menos de cinquenta peças, de uma fábrica de malhas! Esta é a terceira remessa num terceiro inverno. Das pernas, não se me dá, mas o peito da malta, esse gosto de o ver bem agasalhado. É o senhor da fábrica quem agasalha! Mais no *Depósito* envelopes e envelopes e envelopes, — tudo a dizer que sim. Aqueles que dantes diziam que não, agora não aparecem! Será mêdo? Será vergonha?

Mais de Lisboa roupas usadas e mercearia. Era uma caixa de massas, de primeira qualidade. Os cozinheiros abriram, miraram e colocaram na dispensa a dizer alto: *isto é que é!*

Mais do Estoril, um senhor a dizer que fica pela assinatura de *O Comércio do Porto*. Já se comunicou à Administração do Jornal que cobre no Estoril e não, como antes fazia. Que bom! Eu já tinha propôsto pagamento por troca. Parecia-me que o *Comércio* não havia de ficar nada mal servido. *O Gaiato* é, ao que dizem, o jornal mais bem feito do país. Tinha propôsto, sim, mas foi regeitada a proposta. Na carta vinha a dizer que não. Parece que é por causa da Comissão Reguladora dos Jornais, ou coisa assim! Seja como fór, o certo é que do Estoril falaram, e muito bem. Mais do Porto 500\$. Mais do *mealheiro* de um pequenino 20\$. Mais 100\$ do Porto. Mais 20\$ de Contumil. Mais 20\$ do Porto. Mais roupas de Lisboa. Mais calçado de Lisboa. Mais roupas que foram parar à *Casa do Gaiato* de Val-passos, uma casa comercial, e de lá vieram para aqui, por especial favor do dono da dita. Mais um conto de reis do Porto. Mais de Torres Novas uma data de calçado usado. Mais 150\$ de um orfeão do Porto. Mais 100\$ do Porto. Mais mil de Lisboa. Mais o mesmo da mesma. Mais dois contos e quinhentos outra vez de Lisboa. Mais 500\$ de Gaia. Mais 25 litros de azeite de Lisboa. Mais dois fardos de bacalhau do Porto. Mais aviso de alguém que vai mandar uma pancadaria de litros de azeite, o qual senhor manda, também, envelope subscrito e selado, tudo prontinho prá gente mandar as guias da Comissão Reguladora local. Era duma vez um senhor desta Comissão, que foi ó Porto acusar-me de eu fazer comércio negro com farinha de milho! Não foi por mal, já se vê. Ele é que não refletiu ser absolutamente impossível fazer-se, com comércio negro, obra tão branca como é esta obra. E mais nada.



Este numero de "O GAIATO" foi Visado pela Comissão de Censura do Porto.

# Cantinho dos Rapazes

É sobretudo aos do Lar do Porto, que o *Cantinho* de hoje vai endereçado. Eles são o centro das nossas aflições, pelos perigos a que andam expostos. Perigos interiores. Perigos exteriores. Pois que o chefe eleito do Porto tome hoje este numero do jornal e leia a todos o que cá vem a dizer.

Tende muita cautela do homem inimigo, do falso semente, que pode muito bem ser um que já trabalhava na casa aonde agora trabalha. Escuta tudo quanto eles te dizem e forma, depois, o teu juízo. Pergunta-te a ti mesmo porque é que te não foi tirar da rua, com bons conselhos, aquêlles mesmo caixeiro que fingindo-se agora amigo, trata de te lançar de novo na rua, pelos maus conselhos que te dá. Sim. Forma o teu juízo. Reconhece, extrema os verdadeiros amigos.

Um de vós, disse há dias, depois de ter ouvido muita porcaria da boca de um caixeiro:

— Quando a medida estiver cheia, vou dizer tudo a fulano (a mim)

Boa resolução. Muito boa resolução. Mas não esperes que a medida se encha. Fala. Dize agora. Se vens tarde, pode ser que venhas tarde de mais!

E agora, uma palavrinha aos Caixeiros. Esteve aqui ontem uma grande excursão de estudantes Universitários do Porto. Eram quasi cem. Não estimei menos uma pequenina excursão de caixeiros, que antes nos visitara. Era um dúzia de rapazes de 20, limpos, bem parecidos, trabalhadores em varias casas do Porto. O comércio, é uma profissão. A vida de relação entre nações e povos é feita pelo commercio. Ela será o que fôr o commercio. Aquela casa comercial de há um século, que fala sempre igual, paga sempre igual, trata sempre igual. Saca a descoberto, honra compromissos. Aquela casa antiga, digo, hoje e sempre monumento de honestidade, foi fundada por um caixeiro. Sim por um caixeiro. Começou, na idade dos 20 a formar o seu caracter, na vida de relação com fregueses, com patrões, com colegas, com subordinados. Sabes o que é formar caracter, ó caixeiro. É uma tendencia constante à perfeição, em exercicio cotidiano da vontade para o bem. E tu, dentro do balcão, pervertes uma creança! Uma creança já de si fraca e doente pela herança que traz! E se ela, por tua causa, volta para a rua? Melhor te fora não ter nascido!

Eu tenho de dizer estas coisas terriveis, por amor dos meus filhos, em primeiro lugar, e também por amor dos que brincam com o lume, — para que se não venham a queimar!

Caixeiro, olha a tua consciencia. Forma a tua consciencia que já te não atreves a deformar os mais. Conheces um juiz que dorme contigo na cama, senta-se contigo à mesa. Vai para a loja contigo. Anda por lá nos passeios, nos jogos e entra contigo no lupanar. Conheces? É a consciencia. E o teu juiz derradeiro, da derradeira hora. Juiz total.

Pervertes, hoje, a creança? Verás então, à tua conta, tudo o mal que ela praticou e fez outros praticar pela tua lição! É's responsavel. Respondeste por tudo.

— Mas senhor, foi só de uma vez a uma creança, uma palavra!

— Sim. Mas a creança ensinou outra creança, e esta outra, e muitas mais aprenderam de muitas — por tua causa! Melhor te fora não ter nascido — é uma verdade eterna!



Vai hoje aqui um pequenino discurso, breve em palavras, como convém, mas grande nos algarismos, que isto é que é eloquencia. É do jornal. É de *O Gaiato*. Sabem quanto rendeu o jornal no ano passado? Rendeu, livre de todas as despesas, 162 contos.

Isto por cheques, vales, notas, moedas — dinheiro. Em espécie, só visto! As roupas, o calçado, os géneros, os porcos, as vacas, as ovelhas, os maizinhos carneros, — só visto!

Em saudações, não se fala! As palavras, as lágrimas, os suspiros, a esperança, os carinhos, o amor!

Quanto não vale uma creança, meus senhores e minhas excelentíssimas senhoras. Se Ela estende a mão faminta, a tirar, oh valor! Se engeitada, oh valor dos valores!

Mulher que trazes no ventre tal riqueza; bem-aventurados todos quantos te ajudam a guardar o que é teu! O que é nosso!

Eu podia calar-me muito caladinho e dizer que o jornal só dá despesa, e que a *Obra da Rua* luta com tremendas dificuldades, e que o Estado

# TORNEI A LISBOA

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

— Não sou ninguém! Desandou. Eu também desandei. Olhei para as janelas dos ministérios. Gostava que tivessem visto.

Sobrou-me muito tempo justamente por não ter sido atendido. O dia estava bonito. Eu gosto de Lisboa. Que fazer? Fui ó jardim zoológico. Tinha lido nos jornais acêrca da inauguração de um hotel de cães. Maternidade. Enfermaria. Instituto de beleza — tudo como a gente! Logo à entrada, perguntei aonde ficava o hotel. *E' lá em cima*. A caminho, topo uma carroça mais o carroceiro. De novo pergunto:

— E' lá ó fundo.

— Mas são mesmo cães?

— São sim senhor.

— Mas cães que cá estão ou quê?

— São cães que as senhoras cá veem trazer.

Gostaria de saber mais pormenores, mas os *hospedes* não me souberam informar e fiquei somente com a noticia do carroceiro.

Lá estava tal qual. Tudo tão lindo, tão artistico, com tanta graça — pra cães! Quem não sabe, cuida que é progresso e êle é mas é regresso. É um apetite meramente humano. Nada daquilo que se observa é dado aos animais — nada.

Nunca foi permitido deixar os filhos à fome e dar de comer a cães. Por mui lindos que eles sejam. Por fieis, nobres, doces, bem feitos — são cães. Cada coisa no seu lugar. A creança na maternidade. O homem no hotel. O cão, na jaula. Quem pode bulir no Decalogo?!

Dali, fui à Portela de Sacavem. Quiz vêr como partem e como chegam as aeronaves. Nunca tinha visto. Gosto de colher impressões. Estavam pousando 4 aparelhos na hora em que cheguei. Muita gente cá fóra. Muita azáfama na Pista. Começam os senhores a sair do ventre dos monstros. Se Julio Verne visse! Creados. Carros de mão. Bagagens. Entrei na Alfandega. Trez religiosos de S. João de Deus estavam na multidão, não sei se desembarcados ou se para embarcar. Espreitei-os de longe, em silencio. Vi o Santo naquêlles tempo, com doentes às costas pelas ruas de Espanha, apupado. Vi os hospitais que Ele fundou. Vi a obra que perdura nos seus filhos. Ali estavam eles, os trez religiosos, sacerdotes por devoção, enfermeiros da Humanidade. Nada mais do que isto me deslumbrou e havia ali tanto de quê! Nada mais. Só o Louco de Granada, continuado na sua obra imortal, seguido por centenas de herois do Evangelho, em hospitais dos cinco pontos do mundo, ocupados em amar, amar, amar.

No ZOO, — um hospital pra cães! E a imprensa foi chamada e bateu palmas!!

A imprensa católica também!

Era noitinha. Desci ao Rocio. Horas desocupadas. Tanta coisa para onde olhar! Alguem chama. É um rapaz. Terá 15 anos? É do Porto. Veio fugido dali. Vende pentes.

— Aonde dormes?

— No Borratém, mais êste rapaz.

Este e o outro e tantos, tantos, crescem conforme a direcção dos ventos. De onde quer que êle sopre, ai o geito que eles tomam. Dá pena! Olho em redor. As montras da Baixa! Os carros de luxo! Nunca tantos como agora! Vamos para a idolatria.

Chegou o dia de me vir embora. Que bom. A' porta da estação, comprei o almoco; 4 bananas. *Ai que nota tamanha*. Não era grande, não senhor. Ela é que era pobre! A vendedeira, disse-me, humildemente, que não tinha troco para aquilo — uma nota de 50\$00. Conversamos. Gosto muito de falar com os grandes. E assim me despedi de Lisboa, até vêr.

mai los senhores dão-nos muito pouquinho, e que estamos agora a atravessar uma grande crise e tudo o mais que vem nas ladainhas. Podia sim senhor. Os outros também assim fazem. Ainda há dias soube de um senhor que levou toda a vida a gemer e na hora da morte, foram a abrir o cofre, e deram com a causa dos seus gemidos... Estava lá dentro! Era ós montes! Para desgraça de todos nós, trata-se de um sacerdote. Que êste seja espelho dos outros. Espelho meu!

Mas queixar-me de quê? Gemer porquê? Nós temos tudo de tudo. É impossivel que nos falte hoje, ou venha a faltar amanhã, seja o que fôr. Mais. Quando o jornal chegar ós trinta mil assinantes (está na tiragem de onze mil) adeus escadas dos ministérios, adeus senhores ministros, adeus juntas e grêmios, adeus rápido, adeus Lisboa! Tenho dito.

Chegou a altura de montar oficina ó *Periquito*. Ontem, passando pelo corredor do edificio das oficinas, vi ali os dois cozinheiros, instalados a

## Um Pedido

um canto, nas mãos do *Periquito*, que lhes cortava o cabelo. Ora não pode ser assim. Ali, no corredor, não está bem. A *freguesia* já é em numero considerável e os cabelos à *homem*, também. Estamos, por isso mesmo, preparando uma dependência adequada à barbearia da aldeia, no sitio mais central, apetrechada de tudo quanto lhe é dado, ó manicure é que não.

Uma cadeira. Uma cadeira das do derradeiro estilo. Eis o objecto do nosso pedido de hoje o qual, a julgar pelos antecedentes, vai ser escutado. Convém, até, que primeiramente pergunte se já temos cadeira, o senhor que desejar oferecê-la.

O *Periquito* tem caminhado aos empurrões, tanto na arte como nos costumes. Nunca tivemos rapaz tão irrequieto! Mas o Zé Eduardo, que se encontra actualmente no Lar do Porto, bemsinho, ao que me informam.

Ainda ontem o *Periquito* foi chamado a tribunal, por ser visto a jogar a bola fora de portas, a caminho da oficina. Foi chamado pelo chefe eleito. Agora é ele que tem a pasta. É' ele quem julga. Eu passei a simples auditor. Chamou o *Periquito* ao meio: *Andas lá fora a jogar nas horas do trabalho! Que há-de dizer de nós o povo da terra?*

O Juiz tem 16 anos. O réu tem 16 anos. *Periquito* escuta, vermelho como um pimento. No tribunal há silencio. *Passas a lavar loiça na copa, até ver*. Eu estou. Sou um simples numero do tribunal. Exulto no interior. *Sinto* o renascimento destes tribunais de rapazes, feitos pelos rapazes, a bem dos rapazes. *Periquito* troca a hora preciosa do recreio pela dolorosa do castigo; lava a loiça na copa, até ver.

O que seria deste irrequieto jóvem deixado nas ruas, como andava antes de ser nosso; ele, que sendo nosso há três anos, é, ainda hoje, o rapaz mais diffil que temos em casa?!

Como é difficil recuperar almas tocadas de miséria! Difficil formar a pessoa é. Difficil construir o que o mundo destrói!

Em prémio do *Periquito* ter aceitado e estar cumprindo o castigo penoso que o Poeta lhe applicou, venha a cadeira de molas, aonde o *Periquito* rape a tropa miúda e asseie os que tem titulo de meia cabeleira. Assim seja.

## Venda do famoso quinzenal

A do numero 75 foi atestada. Despacharam 2.032 exemplares e entregaram 940\$50 de acréscimos. Mencionamos o O'acar com 145\$60. O *Gari* com 94\$20. O Rui com 79\$00. O Carlos Inácio com 69\$50. E tudo o mais que os outros entregaram. O valor não está tanto na quantia, como na fidelidade de entregar. Isso é o que nós apreciamos. Entregaram, também, 965\$00 de assinantes, de variadas terras do país, e até do estrangeiro, os quais topam os vendedores e entregam.

Que dirão eles e que é que lhes dirão, a eles?! Ouvem, guardam, contam nas suas terras, aos seus amigos. Eu mesmo tenho ouvido coisas interessantes da *Obra do P.º Américo*, nos combóios. Não sabem que eu sou o tal e falam, falam, falam. *Mas porque é que ele não vem para o sul*, dizia-se num grupo, talvez de senhores do sul. Se eu fôr capaz de me segurar no norte, já tenho feito alguma coisinha.

Os rapazes também venderam 29 livros da *Obra da Rua*. O Campeão foi o Carlos Inácio. Vendeu 10 deles. Quando alguém lhe diz que já comprou o jornal, êle trata de impingir o livro. O *Piolho* faz na mesma. Vendeu 9 pelo mesmo processo. Qualquer dia saem mais trez mil, em terceira edição. Com agentes desta força, toda a mercadoria vai. Era para irem vender a Braga, também, mas como o numero de assinantes tem aumentado dia a dia, as tiragens foram insuficientes. Não chegam os jornais para as encomendas.

